

Ariadna Patrícia Estevez

Alvarez

Fundação Oswaldo Cruz
(Fiocruz)
Niterói, RJ, Brasil

Janaína de Barros

Fernandes

Secretaria Municipal de
Saúde do Rio de Janeiro
(SMS-RJ)
Rio de Janeiro, RJ Brasil

**Maria Isabel Quiñonez
de Oliveira**

Universidade Federal de
Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte, MG,
Brasil

**Isabella Cunha Alves da
Silva**

Universidade Federal
Fluminense (UFF)
São João de Meriti, RJ,
Brasil

**Rodrigo Moreira de
Castro**

Secretaria Municipal de
Saúde do Rio de Janeiro
(SMS-RJ)
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

CONVIVÊNCIA VIRTUAL: A ARTE DE TECER REDES COM O TRABALHO AFETIVO ANTIMANICOMIAL

VIRTUAL CONVIVIALITY: THE ART OF WEAVING NETWORKS WITH AFFECTIVE ANTI-ASYLUM WORK

RESUMO

Este artigo visa compartilhar a experiência de trabalho do Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, problematizando o conceito de trabalho afetivo antimanicomial, antes e durante a pandemia de Covid-19. Apresenta-se uma pesquisa com os trabalhadores destes serviços sobre a atividade de convivência e como se opera a dimensão afetiva, usando o método da oficina de fotos. Narra-se a construção de oficinas virtuais, decorrentes do contexto pandêmico, que inventaram outros modos de fortalecer redes de afeto e reduzir os danos do isolamento social através de tecnologias da informação e comunicação.

Palavras-chave: convivência; isolamento social; comunicação.

ABSTRACT/ RESUMEN

This article aims to share a work experience in the Conviviality and Cultural Center of the West Zone in the city of Rio de Janeiro, articulated with the concept of affective anti-asylum work, before and during the Covid-19 pandemic. A research is presented with the workers of these services about activity of conviviality and how the affective dimension operates, using the photo workshop method. The construction of virtual workshops, resulting from the pandemic context, which invented other ways to strengthen networks of affection and reduce the damage of social isolation through information and communication technologies is narrated.

Keywords / Palabras Clave: Conviviality; social isolation; communication.

Recebido: 10/11/2020 / Aprovado: 11/01/2021

Como citar: ALVAREZ, P. E.; FERNANDES, J. B.; OLIVEIRA, M. I. Q.; SILVA, I. C. A.; CASTRO, R. M. Convivência Virtual: a arte de tecer redes com o trabalho afetivo antimanicomial. Revista GEMInIS, v. 11, n. 3, pp. 87-107, set./dez. 2020.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 3.0 Internacional.

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES: O que é CECO? Para que ele serve? De que lugar escrevemos? O Ceccozo

O objetivo deste artigo é problematizar o trabalho realizado por um Centro de Convivência e Cultura (CECO) antes e durante a pandemia, a partir de uma pesquisa realizada com seus trabalhadores e da narrativa destes sobre os limites e possibilidades da convivência virtual, viabilizada através das tecnologias da informação e comunicação em tempos de pandemia de Covid-19. Para situar o que é CECO é preciso mencionar a Lei nº 10.216/2001, a lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira, onde há uma reorientação nos modos de cuidar em saúde mental, o cuidado em liberdade passa a ser preconizado como fruto do movimento da luta antimanicomial, que tem como uma de suas bandeiras “cuidar sim, excluir não”. Neste contexto, com a participação de diversos atores sociais implicados com a construção de uma sociedade sem manicômios, o Brasil passa a contar com as Redes de Atenção Psicossocial (Portaria nº 3.088/2013) nas quais os diferentes pontos de atenção oferecem um cuidado pautado no modelo comunitário. Entre esses pontos de atenção, temos os Centros de Convivência e Cultura (CECOs), dispositivos intersetoriais que oferecem à população em geral espaços de sociabilidade, produção e intervenção na cidade, e são considerados estratégicos para pessoas que fazem tratamento em saúde mental, em uma perspectiva de despatologização da vida e de desinstitucionalização da loucura na sociedade. No que concerne às políticas públicas, os CECOs têm transitado entre a marginalidade, a inclusão e a exclusão das bordas do que é instituído e do que é instituinte. Os CECOs ainda não contam com parâmetros nacionais para seu funcionamento, nem com financiamento próprio em âmbito federal. Há um número reduzido de CECOs implantados, e isso produz um grau de invisibilidade desse trabalho, ainda que ele seja um dos dispositivos mais citados nos espaços dos movimentos sociais e de controle social, e também venha aumentando a produção acadêmica que se dedica a pesquisa-intervir com CECOs, o que sinaliza para sua potência criativa (ALVAREZ, 2020).

Um dos pilares do trabalho dos CECOs é a sustentação das diferenças na cidade usando arte, cultura, economia solidária, lazer, esporte, o que o caracteriza como um dispositivo intersetorial de promoção de saúde, ainda que os CECOs sejam considerados dispositivos híbridos que extrapolam as fronteiras sanitárias (FERIGATO, 2013). Para Castiel (2004), a promoção da saúde pode estar fundamentada em duas estratégias políticas que se distinguem: uma conservadora que responsabiliza o indivíduo pela sua própria saúde, atribuindo a ele seu papel na prevenção e redução de riscos, e uma outra que seria libertária, no sentido que procura mudar a relação entre cidadãos e Estado, buscando ações intersetoriais e participação nas políticas públicas. Nossa aliança se dá pela segunda via, exercendo a função estratégica em promover a saúde de um território, uma vez que as redes

comunitárias integram as condições socioeconômicas, culturais e ambientais. Compreendemos o CECO como um ativador de redes, uma vez que ele lança mão da estratégia de avizinhamo para fazer isso. O trabalho da convivência ativa não somente um convívio comunitário, mas também “uma estratégia de composição, de avizinhamo, experiências que podem reinventar a diferença entre isolamento e vida coletiva” (GALLETTI, 2015, p. 20).

A pesquisa compartilhada neste artigo ocorreu com os trabalhadores do Ceccozo situado no bairro de Campo Grande na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, que além de ser o mais populoso da cidade, é o bairro mais populoso do Brasil. O bairro de Campo Grande conta com mais de 336 mil habitantes (JORNAL DA REGIÃO, 2020). Com economia diversa, o bairro tem áreas rurais, uma zona industrial importante para a cidade e um comércio crescente. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) da área 5.2 conta com cerca de 35 unidades básicas de saúde (clínicas da família e centros municipais de saúde), dois Centros de Atenção Psicossocial II (CAPS-II), um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi) e cinco serviços residenciais terapêuticos¹. Inicialmente, o Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste (Ceccozo) foi criado pensando-se em uma composição com os três CAPS da área e os Núcleos de Apoio de Saúde da Família e Atenção Básica (NASF-AB) da região, garantindo a ampliação do espaço de convivência entre a comunidade, os familiares e os usuários da rede de saúde mental. Segundo a coordenação do Ceccozo, grande parte da clientela que frequenta os serviços de saúde mental tem uma rotina empobrecida e de pouca circulação no bairro onde vive, bem como na cidade como um todo. O Ceccozo foi criado em 2014 no bairro de Campo Grande, próximo à estação de trem, e funciona na Lona Cultural Elza Osborne². Além do Ceccozo, outros espaços públicos de convívio da região são igrejas, centro esportivo, Teatro Arthur Azevedo, praça e a Arena Chacrinha, que fica no bairro Pedra de Guaratiba. Assim como os demais CECOs da cidade, ele não está cadastrado no CNES (Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde), sendo sua gestão fruto de uma articulação local. A coordenação considera o espaço adequado para sua finalidade, embora a estrutura física da Lona pudesse melhorar (pleiteiam obra para colocação de termotelha). Sobre as ações intersetoriais, o Ceccozo realiza reuniões com a economia solidária, com o centro esportivo, com o conselho distrital de saúde e com os serviços da RAPS das áreas programáticas 5.1, 5.2, 5.3.

¹ Disponível em: www.data.rio/pages/rio-em-sntese-2. Acesso em: fevereiro de 2020.

² Lona Cultural é o nome comum de uma série de teatros de arena cobertos, administrados pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Rio de Janeiro, onde ocorrem atividades de cunho cultural como shows, peças teatrais, oficinas, feiras de arte e artesanato, cursos, etc. São dez equipamentos distribuídos pelas zonas Norte e Oeste, em bairros com pouquíssimos recursos culturais e/ou regiões periféricas da cidade (Realengo, Vista Alegre, Guadalupe, Anchieta, Maré, Santa Cruz, Ilha do Governador, Jacarepaguá e Bangu). Com chancela da ONU, o projeto nasceu em 1993 como uma forma de aproveitar as lonas doadas pelos governos inglês e holandês na conferência Rio-92. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/lonas-culturais-chegam-aos-25-anos-sem-festa-23205654>. Acesso em: fevereiro de 2020.

Antes da pandemia, o Ceccozo realizava passeios, visitas a exposições, museus, teatros, organizava eventos em praças e outros espaços públicos. Estima-se que, diariamente, cerca de cinquenta pessoas participavam das ações oferecidas pelo Ceccozo. Segundo estimativa da coordenação, apenas cerca de 3% das pessoas inscritas no Ceccozo já passaram por internação psiquiátrica, 10% fazem uso de psicofármacos e praticamente 20% (24 de 125 inscritas) declararam ter recebido diagnóstico psiquiátrico³ em algum momento da vida. A idade dos conviventes varia entre 7 e 70 anos. Além da demanda espontânea, são locais que encaminham para o Ceccozo: as Clínicas da Família, os CAPS, os CAPSi, o ambulatório da policlínica e a FUNLAR (Subsecretaria da Pessoa com Deficiência). O público é composto principalmente por pessoas menos favorecidas socioeconomicamente, tendo como renda familiar estimada entre dois e três salários mínimos.

A equipe inicial era composta por uma psicóloga que coordena o CECO e dois oficinairos. Um deles oferece oficinas de teatro (adulto e infantil) e o outro, oficinas de grafite, dividindo sua carga horária com o CAPSi. Além disso, o Ceccozo conta com parceiros que oferecem aulas de violão, *hip hop*, circo, artes visuais, artesanato e musicoterapia.

2. O TRABALHO AFETIVO ANTIMANICOMIAL

O campo da saúde se insere no setor de serviços, predominante nos tempos atuais, e necessita, em suas relações de trabalho, operar através da comunicação, realizando a troca de conhecimentos e afetos. Hardt (2003) propõe o conceito de trabalho imaterial para explicitar as relações produtivas existentes neste setor, considerando que os bens produzidos não são materiais e duráveis. A partir disso, o trabalho imaterial pode ser entendido através de dois principais aspectos que estão envolvidos diretamente em seus processos produtivos. O aspecto computacional diz respeito a como a interatividade e a cibernética das tecnologias da comunicação têm predominância nas relações de trabalho existentes no contemporâneo, que operam na resolução de problemas e produzem símbolos, imagens, códigos, etc. O trabalho afetivo, outro aspecto do trabalho imaterial, refere-se às interações e contatos que se dão nas relações humanas.

O trabalho afetivo se constitui enquanto produção de afetos, sociabilidade e subjetividades coletivas. Assim, a comunicabilidade é essencial no trabalho afetivo, havendo a criação e manipulação de afetos. Hardt (2003) caracteriza certos tipos de ocupação em que há a predominância do trabalho afetivo, como o entretenimento, a saúde, a educação, os serviços financeiros e a rede de

³ Na ficha de inscrição, não há nenhuma pergunta específica sobre diagnóstico. Há a pergunta: “Está ligado a alguma instituição? Qual? Técnico de Referência?”. Algumas pessoas citam o serviço que encaminhou, quando é o caso; outras não citam.

transportes. Nesse tipo de trabalho, não há o distanciamento entre trabalhador, produto e consumidor, mas sim uma interfuncionalidade nessa relação.

O termo afeto resgata a filosofia spinozista na qual tem um sentido dinâmico e transformador. Segundo o filósofo Spinoza (2011), mente e corpo são uma única substância com atributos distintos. Todas as informações que recebemos vem do mundo exterior, através de estímulos corporais, ou seja, de um corpo que é afetado, sendo o afeto o que aumenta ou diminui a potência de agir. Quando um corpo encontra outro corpo ou uma ideia encontra outra ideia, nossa potência de agir pode ser diminuída, o que constituiria um mau encontro, ou ser aumentada, o que constituiria um bom encontro. O mau encontro, gera tristeza, adoecimento e enfraquecimento do *conatus*, o corpo é passivo. No caso dos bons encontros, há alegria, a nossa vontade de viver é fortalecida, e há uma ampliação de aprendizados, das maneiras de afetar e ser afetado. Assim, o afeto possibilita a mudança de *conatus*.

No contexto dos CECOs, a busca de recursos para ativar a convivência é um trabalho de desfazer os manicômios nas relações. Isso nos leva a afirmar a atividade da convivência como um trabalho afetivo antimanicomial. É Lancetti (2008) quem provoca a pensar o trabalho afetivo no campo da saúde mental. O autor oferece algumas indicações sobre o que seria esse trabalho afetivo, e questiona-se, como seria, então, esse trabalho afetivo antimanicomial (ou pós-manicomial, como ele diz):

O trabalho afetivo produz subjetividade, sociedade (redes sociais) e vida. Esses três conceitos: trabalho afetivo (Hardt), trabalho imaterial (Hardt e Negri) e biopoder (Foucault) são pistas para o entendimento de uma clínica pós-manicomial. Isto é, de produção de saúde e de saúde mental de nosso tempo. As relações corpo a corpo, as relações de afeto, são anteriores às relações de troca. No arcabouço conceitual dos operadores da reforma psiquiátrica pode-se encontrar uma reiteração do conceito de troca. Se o hospício é o local de troca zero, a reabilitação psicossocial consiste na possibilidade de o cidadão trocar e aumentar sua capacidade de troca, à medida que vai construindo sua cidadania. A capacidade de aumentar as trocas é fundamental para o processo de produção de subjetividade cidadã, mas elas são secundárias a respeito das relações pré-significantes ou de afeto. As experiências revolucionárias mostram isso. Introduzir o conceito de trabalho afetivo na clínica é diferente de ampliar a clínica. Não se trata de levar o modelo do consultório para ser multiplicado em territórios populares, mas de construir conceitos e inventar práticas que operem em pleno campo produtivo de sociabilidade e de vida (LANCETTI, 2008, p. 123).

Optou-se por usar o termo antimanicomial e não pós-manicomial porque compreende-se que, embora muitos leitos psiquiátricos tenham sido extintos no Brasil, muitos manicômios tenham sido desativados – o que certamente é uma vitória a ser (co)memorada –, os manicômios ainda insistem em existir nas relações. Portanto, não se pode transmitir a ideia de que o problema dos manicômios é um problema superado, porque ele não é.

A ideia de uma sociedade sem manicômios mereceria enfim ser problematizada desde a base. Não para que seus termos sejam recusados, mas ao contrário, a fim de que eles sejam radicalizados, isto é, para que ao mesmo tempo se entendam os seus limites e se estenda o seu alcance. O que só é possível, como tentarei mostrar a seguir, se evitarmos que a ideia de uma sociedade sem manicômios se esgote em sua evidência primeira. É preciso que esse chamamento de apenas três palavrinhas – SOCIEDADE SEM MANICÔMIO – recupere a força de uma questão candente (PELBART, 1993, p. 103).

Amplia-se então o sentido da palavra manicômio, que deixa de coincidir apenas com o hospital psiquiátrico e passa a compreender toda forma de opressão à diferença e assujeitamento do outro. Para Basaglia (2005), o manicômio não se restringe ao seu local físico, mas ele se faz nas relações. A vontade de racionalizar e não estar aberto ao que é radicalmente estranho às formas de conhecimento dominantes tem relação com a edificação dos manicômios. Sem eximir os técnicos do funcionamento de reprodução do manicômio, fica a questão: qual seria então a função dos trabalhadores?

Nós, técnicos, somos incumbidos de usar nosso saber e o poder implícito ao nosso papel como instrumentos de domínio. Em vez disto, devemos, cada um em seu próprio setor, usar esse poder para explicitar os processos através dos quais se exercita esse domínio, a fim de que a classe que é objeto de opressão, em todos os níveis, se apodere desse conhecimento, torne-o seu e recuse seu mecanismo (BASAGLIA, 2005, p. 236).

Compreendemos que o trabalho afetivo antimanicomial é um trabalho que acontece nas relações. Relações pré-significantes, relações corpo a corpo, relações de afeto anteriores às relações de troca. É também nas relações que se constroem ou se destroem os manicômios. No trabalho afetivo antimanicomial, a matéria-prima é o afeto. É pela via do afeto que se instauram ou se desmancham os manicômios visíveis e invisíveis, os que têm muros e os que estão a céu aberto.

3. SEMEANDO O CAMINHO NO CAMINHAR: Apontamentos teórico-metodológicos

Na pesquisa realizada, considerando que o trabalho pode ser um operador de saúde (OSORIO DA SILVA & RAMMINGER, 2014), nos propusemos a co-analisar a atividade de convivência mapeando os afetos alegres e os afetos tristes junto com a equipe do Ceccozo. É relevante sinalizar que usamos o conceito de saúde na perspectiva de Canguilhem (2007) como capacidade de renormatização diante das variabilidades da vida. O filósofo vitalista, ao investigar o vivente e seu meio, nos fornece uma concepção de saúde em que ela não é o oposto de doença. Estar sadio não significa ausência de adoecimento, mas significa adoecer e poder se recuperar. É na capacidade de

recuperação, de renormatização, que nós, viventes, podemos expressar a saúde na relação com o meio. Vale destacar que o meio não é algo separado do vivente e nem a vida é mera adaptação do vivente ao meio. Mas sim somos nós, viventes, que criamos o meio, ao mesmo tempo em que somos criados por ele, em uma incessante relação mútua de co-engendramento.

Usamos o referencial conceitual-metodológico da cartografia (PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014) em conjunção com a clínica da atividade (CLOT, 2010). Tomamos ambos como métodos construtivistas, uma vez que a pesquisa não estava a serviço de descobrir verdades ocultas, mas serviu para construir saberes junto aos processos que já estavam em curso no campo. Do método cartográfico nos valemos especialmente de três pistas: 1) pista da atividade, em que a cartografia toma a atividade como algo a ser investigado e também a atividade do próprio cartógrafo deve ser analisada no processo; 2) pista da confiança, que nos indica que o ato de pesquisar é um ato de fiar com, tecer junto, compor com o outro, e não de produzir verdades sobre o outro; 3) pista do comum, em que cartografar é traçar um plano comum, em que o ato de conhecer é criador de realidades. Do método da clínica da atividade, nos valemos dos princípios de que: 1) colocar o trabalho em debate pode ampliar o poder de agir dos trabalhadores; 2) a análise da atividade deve ser uma co-análise entre pesquisadores e trabalhadores; 3) os trabalhadores podem e devem assumir o protagonismo desta co-análise. Para essa co-análise da atividade acontecer, foi preciso instaurar dispositivos que ampliassem as possibilidades dialógicas, em que os trabalhadores se tornaram observadores do próprio trabalho, o que foi viabilizado por meio do método indireto, ou seja, através da produção de registros que permitissem a autoconfrontação do trabalhador com o seu próprio trabalho. Além do acompanhamento das programações oferecidas pelo Ceccozo, como a oficina de grafite para jovens, o passeio no Museu do Pontal, o Sarau da Diversidade e as assembleias, o que fortaleceu o solo onde a pesquisa deu seus passos, foram realizados três rodas de conversa com a equipe, das quais participaram a coordenadora da Lona, a coordenadora do Ceccozo e os dois oficineiros⁴, os quais foram audiogravados e depois transcritos. Os nomes originais dos trabalhadores foram alterados para nomes de artistas da Tropicália. Cada encontro durou cerca de duas horas e foram realizados no camarim da Lona Cultural Elza Osborne.

Na primeira roda, partindo da pergunta “como nasce um CECO?”, o debate se concentrou em mapear os caminhos traçados para a implantação do Ceccozo, o que fez emergir a questão da formação e percursos profissionais. Dos quatro integrantes da equipe, apenas uma era graduada na

⁴ Quando a pesquisa de doutorado começou, a equipe era formada por quatro profissionais, e foram esses que participaram dos grupos que fizemos no Ceccozo em 2018. Quando o questionário foi aplicado em 2020, a equipe havia mais que dobrado de tamanho. A entrada dos novos profissionais se deu por meio de parcerias, na medida em que o trabalho foi se tornando mais visível. Contudo, nenhum dos profissionais que ingressaram foi contratado exclusivamente para o Ceccozo pela Prefeitura.

área da saúde como psicóloga, os demais tinham formação no campo da arte-cultura. “Mesmo, às vezes, o professor não tendo esse curso, essa especialização em saúde, os professores, eles aprendem com os alunos. Porque o usuário da saúde ele tem esse poder de ensinar. Ele ensina o tempo todo aqui pra gente” (Bethânia).

Na segunda, com inspiração no método da oficina de fotos (OSORIO DA SILVA, 2010), cada profissional trouxe fotos que despertavam afetos alegres e afetos tristes no trabalho. As fotos digitais foram projetadas na parede do camarim e o grupo foi debatendo o trabalho que faz, por meio da construção coletiva de legendas para cada uma delas. Ao analisar a totalidade das fotos, uma coisa se destacou: em todas as fotos escolhidas para expressar alegria havia pessoas e em todas as fotos escolhidas para expressar tristeza não havia pessoas nela. Essa análise produziu reflexões indicando que a alegria no trabalho do CECO se produz nos encontros entre viventes, entre con-viventes. A ausência da figura humana nas fotos que expressavam tristeza trouxe a reflexão acerca do lugar que a dimensão material do trabalho ocupa para estes trabalhadores. A questão do espaço físico, os aspectos concretos, palpáveis, de mobilidade, elementos que também são necessários para as tarefas acontecerem, ganharam visibilidade na expressão de sua precariedade. Os trabalhadores agem quando os bons encontros entre conviventes acontecem, pois a atividade é sempre “afetada ou desafetada pelo outro ou pelo próprio sujeito” (CLOT, 2010, p. 6), e a alegria conduz à ação, impele a agir.

As legendas criadas para as fotos que despertavam tristeza foram: 1 – Falta de estrutura absurda; 2 – Luz no fim do túnel; 3 – Utopia; 4- Locomoção no território. As legendas criadas para as fotos que despertavam alegria foram: 5 – Somos todos um só; 6 – Ocupação dos espaços públicos promovendo a inclusão; 7 – Relações de afeto; 8 – Faço parte da sociedade.

Entre as diversas fotos, destacamos o debate suscitado pela foto 5, que mostra o grupo de teatro reunido na Lona Cultural, ocupando o palco. O professor-oficineiro e os alunos-atrizes-atores juntos, diferentes em composição, em distintas posições, mas formando um só corpo, o grupo teatral do Ceccozo. “Essa foto remete a um conjunto, a sociabilidade, a união que é o teatro, o teatro que é minha área. O teatro compõe a comunidade, os alunos de saúde mental, que a gente não consegue distinguir ali quem é quem” (Caetano).

A legenda criada para a foto 5, “Somos todos um só”, remete à perspectiva da multiplicidade e se baseia na ideia de que “quanto mais encontros fizermos, tanto no que diz respeito ao atributo pensamento quanto ao atributo extensão, mais potentes seremos. Quanto mais pudermos entrar em contato com o novo e o diferente, melhor pensaremos e agiremos” (RAUTER, 2015, p. 45).

Fazer parte de um grupo de teatro, entrando em contato com múltiplas maneiras de existir, de organizar o próprio pensamento, de usar a linguagem, de se movimentar pelo espaço, de olhar, de

calar e falar, de se vestir, de caminhar, pode ampliar as possibilidades de sentir e de se inventarem outras maneiras de viver, de se relacionar consigo mesmo e com os outros. A ampliação da capacidade de afetar e ser afetado está colocada para todos, independentemente de se estar na posição de professor ou de aluno, de oficinairo ou de usuário, de atriz/ator que chegou pela indicação de amigos ou encaminhado por um serviço de saúde, com ou sem diagnóstico. Os dualismos parecem se desmanchar quando pensamos em termos de multiplicidade, pois para Spinoza: “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (SPINOZA, EIII Postulado 1, 2011, p. 99).

Nesta oficina de fotos, notou-se que o trabalho realizado pelos trabalhadores dos CECOs tem produzido diferença na maneira como as relações entre as **peças diagnosticadas** e as **não diagnosticadas** têm se estabelecido. Foram narradas cenas em que ficou evidente que as situações de estigma e preconceito contra as pessoas que fazem tratamento em saúde mental ainda persistem na sociedade. O diagnóstico dessensibiliza a experiência, racionaliza o sentir. Ele é um pacote que, além do rótulo que estampa, tende a explicar e definir o que a pessoa é, traz junto com ele os sintomas, os sinais, as atipias associados a uma determinada categoria nosológica, que passa a cristalizar uma dada identidade. Tudo o que a pessoa faz, sua maneira de viver e se expressar, passa a ser traduzido por uma categoria médica que a distingue da normalidade. Esse discurso médico é incorporado em palavras, às vezes em gestos, em atitudes ou em não atitudes nas relações sociais. Como afirma Clot (2006), nos manifestamos naquilo que fazemos, mas também naquilo que deixamos de fazer.

Na foto 6, que mostra uma cena de crianças que brincam juntas ao ar livre em um parque, de pé no chão, correndo, em um passeio agenciado pelo Ceccozo em parceria com os serviços da rede de saúde mental, percebe-se algo que pode parecer tão trivial, porém que tem se tornado cada vez mais raro nas metrópoles. Crianças conviventes juntas, em que ali a diferença é desejada e não tolerada. É só nessa sustentação das diferenças na comunidade que se percebe que quanto mais somos capazes do múltiplo simultâneo, mais somos potentes. Ser capaz de se deixar afetar pelo outro amplia a potência de todos. A relação com a alteridade é necessária à vida.

A raridade da cena expressa matizes da infância nas cidades grandes, nas cidades das grades. Grades de proteção, grades de horários, que para proteger e formar para o capital controlam o tempo e a circulação pelo espaço. As grades serializam os modos de subjetivar ao longo das gerações, as grades são a materialização de uma das barreiras da convivência.

A metrópole, com suas margens e realidades virtuais, anula os espaços físicos de que necessitam especialmente as crianças em seu processo de crescimento. As gerações passadas tinham espaços de socialização: as ruas, os pátios das vilas, o campo da periferia ou da aldeia, o recreio paroquial. Hoje faltam lugares de socialização e de encontro. Sucede que as crianças somem das cidades existentes, de um universo de relações possíveis. (...) O **filho excluído** – e não importa se metido em uma Disneylândia ou em algum Bronx – reaparece posteriormente sob a rubrica de problema social: da inadaptação genérica até as formas mais complexas de sofrimento psíquico (VENTURINI, 2016, p. 133).

Como enfrentar esse problema do “sumiço” da convivência nas cidades? Como favorecer a produção de encontros e fortalecer as redes de afeto e de convivência? Ficou nítido que há um trabalho a ser feito. Um trabalho afetivo, um trabalho de convivência.

Na terceira roda, tivemos um momento de restituição, de devolutiva do que pode ser recolhido e de problematização do trabalho a partir da co-análise da atividade. As fotos, dessa vez impressas, foram coladas em cartões coloridos. Os cartões foram fixados na parede e as oito legendas foram sorteadas para que os trabalhadores colassem nas fotos correspondentes. Além das fotos e legendas, apresentou-se quinze trechos das transcrições dos grupos anteriores, sem a identificação de quem os falou.

Os trabalhadores foram sorteando, lendo, tentando associar o enunciado ao autor, se confrontando com suas próprias falas e tecendo novos enunciados sobre o que disseram. Foi interessante que, em alguns casos, já não se sabia mais quem tinha dito o quê; era uma fala da equipe que poderia ter sido dita por qualquer um. Esse aspecto dá relevo ao que é genérico, à dimensão plural e coletiva do trabalho. Em outros casos, era fácil saber quem era o falante em questão, apontando para o que se refere aos processos de estilização na linguagem – aquilo evidencia um dado modo de dizer de determinado trabalhador.

A maioria dos trechos selecionados eram comentários sobre as fotos que sinalizavam os aspectos positivos, alegres, que produzem saúde, ampliando a normatividade, que aumentam a potência de agir no trabalho, e os aspectos negativos, que reduzem a saúde, restringem a normatividade, diminuem a potência de agir no trabalho. Entretanto, em alguns casos, essas diferenças não ficavam tão nítidas, e novos olhares sobre uma mesma imagem, novos enunciados sobre uma mesma legenda, foram surgindo. Depois dos debates das transcrições, lemos a carta a seguir, escrita pelas pesquisadoras para essa equipe.

Carta 1 – Carta enviada pelas pesquisadoras à equipe do Ceccozo.

Rio, 04 de junho de 2019.

CARTA PARA EQUIPE Ceccozo

Como se produz um Centro de Convivência? Como os trabalhadores têm suas subjetividades produzidas por ele? Se a pergunta da pesquisa no início, em 2016, era: como nasce um Centro de Convivência? Hoje em 2019 é: como se SUSTenta um Centro de Convivência? Como a atividade de trabalho pode produzir saúde?

Considerando que o trabalho do CECO diz respeito à delicada arte de produzir encontros, e seguindo a pista do afeto, fornecida por esta equipe, montamos essa devolutiva com muito afeto e desejosas de que seja um potente encontro.

Tudo começou também numa devolução do estudo-piloto realizado no Ceco Trilhos do Engenho. Ali a coordenadora deste CECO esboçou o desejo de que uma pesquisa fosse também realizada no Ceccozo.

Para dar conta de pesquisar com os 3 CECOs era necessário um tempo maior, um mergulho mais profundo, a pesquisa pedia um novo curso, um curso de doutorado, e antes mesmo da aprovação viemos visitar esse espaço que já era conhecido somente por conversas. Primeiras impressões: o portão verde da entrada com uma bilheteria, os cartazes das atividades culturais, a lona listrada, a arena, o chegar pela calçada da rua, a estação de trem próxima, já nos sinalizavam a facilidade de acesso a este Centro de Convivência e o quanto ele exala Cultura para todos.

Para ilustrar essa relação Lona-Ceccozo veio a metáfora da orquídea hospedeira, a mais bela das plantas epífitas, *que são as que vivem sobre outras plantas, sem retirar nutrientes delas, mas apenas se apoiando nelas (se retirassem nutrientes delas, não seriam epífitas, mas parasitas). O epifitismo é algo comum nas florestas tropicais, onde a competição por luz e espaço não permite que plantas herbáceas prosperem sobre o solo. Necessitam de grande quantidade de umidade e de luz. As epífitas são tipos de vegetais que não enraízam no solo, fixando-se em outras árvores ou objetos elevados.*

A metáfora da orquídea diz respeito a um novo modo de ser fazer centro de convivência, um modo que expressa que é preciso mais do que interagir com o território, ele lá e eu cá. Mas é preciso entrar, ocupar, se misturar com ele, fazer parte dele. Um novo modo que faz a hora, não espera acontecer. Um modo que se arrisca a instituir outras formas de trabalhar, modos mais autônomos e confiantes. Se defendemos a autonomia dos usuários, é necessário a coragem de exercê-la enquanto trabalhadores. Trabalhadores que dividem (ou multiplicam?) sua carga horária no SUS; se desdobram em variados projetos artísticos ao mesmo tempo; se abrem para conhecer e receber novos parceiros e vestem uma camisa que antes era deles, e que depois passa a ser nossa; assinam o ponto fora.

Porque o ponto fica fora da curva quando nos posicionamos diferentemente da média ou da norma já instituída. E é com os pontos fora da curva que os CECOs se constroem, não para colocá-los dentro da curva, da média, da norma, mas para viver junto e com intensidade coletiva toda a vida, a arte, o lazer, a cultura, o trabalho que há para serem vividos fora da curva.

E esse trabalho aqui começa bem cedo, muitas vezes nos primeiros anos da vida. Nas oficinas de grafite, de teatro, nos passeios, experimentamos o quanto é forte a presença das crianças no Ceccozo. Crianças que aprendem arte juntas, passeiam juntas, convivem em suas diferenças, independente de por qual via cada

uma chegou até aqui. Apesar dos obstáculos, que não são poucos, no Ceccozo a equipe exerce com potência as cinco forças que temos mapeado na pesquisa com os CECOs cariocas: coletivo; território; arte, cultura e lazer; trabalho, cooperação e ecosol; e viver junto a diferença. Saibam que sim, vocês estão plantando com este trabalho sementes de uma sociedade melhor, mas percebam a linda orquídea que já cresceu, graças ao cuidado de vocês.

Esta carta nos sinaliza que, se antes da pandemia, o modo isolado de viver em função do estigma e a pouca ocupação dos espaços públicos com convivência já eram um problema social, com a pandemia e as praças, parques e espaços na cidade propícios para encontros coletivos agora fechados, esse problema se agravou. Antes perguntávamos: qual é o lugar da convivência nas cidades? Dada a pandemia, é preciso adicionar: Qual é o lugar para convivência em tempos de pandemia da Covid-19?

Foi com essa e outras questões provocadoras que um grupo se construiu a partir do Fórum dos Centros de Convivência do Estado do Rio de Janeiro, chamado Convivência Virtual. O Ceccozo é um dos CECOs que compõem esse Fórum, junto com mais cinco CECOs do Estado e outros movimentos e coletivos. A partir do diálogo entre usuário-profissionais militantes, foi criado o Centro de Convivência Virtual⁵, uma ferramenta que surge como uma resposta ao problema do isolamento social enfrentado por toda a população, dadas as recomendações sanitárias para evitar o contágio pelo coronavírus. Segundo relatos que tivemos, o sofrimento advindo do isolamento imposto pela pandemia a toda população foi sentido acentuadamente por usuários da RAPS que ficaram privados de parte importante do cuidado em saúde mental que são as atividades coletivas, assim como pelos idosos.

O projeto “Centro de Convivência Virtual: promoção da saúde e redes de afeto em tempos de pandemia”, foi apresentado ao Edital Inova COVID-19/Fiocruz, sendo selecionado e contemplado com fomento para sua realização. Foi desenvolvido o portal www.centrodeconvivenciavirtual.com.br e os seis CECOs do SUS e mais três coletivos universitários passaram a oferecer atividades artístico-culturais diversificadas pelas tecnologias da informação e comunicação para diferentes públicos. O projeto visa promover a saúde dos “conviventes” ao oferecer um espaço de encontro coletivo virtual e um canal de expressão dialógica e interação alternativo aos encontros presenciais, utilizando a arte e a cultura, além de potencializar o trabalho dos CECOs através do intercâmbio de experiências e do fortalecimento das redes de afeto. A construção da Agenda ConViver, gerou como resultado uma programação comum organizada no mesmo espaço digital, com o protagonismo dos usuários e

⁵ Redes sociais do projeto Centro de Convivência Virtual: Facebook: <https://www.facebook.com/centrodeconvivenciavirtual>. Instagram: <https://www.instagram.com/centrodeconvivenciavirtual>. YouTube: <https://www.youtube.com/centrosdeconvivenciavirtual>. E-mail para contato: cecosvirtual@gmail.com

trabalhadores dos CECOs. Entre as atividades ofertadas pelo projeto, há atividades musicais (intervalo musical, violão, cantos e contos), terapia comunitária integrativa, trilhando na rede, relaxamento, capoeira, horta, interarte, circo, redução de danos e cotidiano, dança sênior, grafite, tarde de histórias, tai chi chuan, sábado de estrelas, entre outras.

A seguir, apresentaremos a experiência da convivência virtual do Ceccozo, a partir de duas narrativas, que possibilitaram o fortalecimento das redes de comunicação e afeto, vivificando a sensação de que todos somos um. Mesmo sem poder se tocar, se olhar diretamente nos olhos e interagir com o corpo físico, foi possível desenvolver o trabalho afetivo antimanicomial, desconstruindo os muros do isolamento social imposto pela pandemia através das tecnologias da informação e comunicação, desterritorializando os enquadres habituais e criando outros, apesar dos desafios, que não foram poucos.

4. NARRATIVAS E ANÁLISES DE EXPERIÊNCIAS DE CONVIVÊNCIA VIRTUAL DURANTE A PANDEMIA

4.1. NARRATIVA 1 - Festa junina

Os efeitos da pandemia trouxeram prejuízos reais na economia doméstica dos conviventes do Ceccozo. Com isso, os serviços de saúde mental junto com o Núcleo de Apoio à Saúde da Família e o centro de convivência, se uniram criando um grupo chamado “vida no território”. Numa contribuição solidária, a comunidade, os usuários dos serviços e conviventes participantes do Ceccozo também se uniram para arrecadar alimentos para quem precisava. Essa mobilização ocorreu nos meses de junho, julho e agosto de 2020, período em que passávamos por grande preocupação por conta da pandemia. Para arrecadar alimentos surgiu a ideia de fazer uma rifa para ser sorteada em uma festa junina.

A realização de uma festa junina online no meio de tantas notícias tristes trouxe ânimo não só à comunidade, mas também à equipe que realizava a organização do evento. Trouxe assim o que chamamos de “vida no território”, tanto no território local do bairro quanto no território virtual da web.

Os conviventes se envolveram em arrecadação local dos alimentos, sempre evitando os contatos e garantindo o distanciamento social. Ao contrário do que ocorre nas festas comuns, a festa online não foi o ponto alto do evento e sim o seu processo. Durante um mês os conviventes do centro de convivência puderam arrumar suas casas para a festa, ensaiar as danças, participar de gincanas de arrecadação de alimentos. Aqueles que participavam da oficina de violão puderam preparar as músicas e gravar para que os vídeos pudessem ir ao ar no dia da festa; os conviventes da oficina de teatro prepararam a encenação do “casamento atrapalhado”; um grupo da comunidade com senhoras idosas dançaram o carimbó e fizeram uma quadrilha; os educadores físicos passaram semanas levando às janelas dos condomínios as músicas de quadrilhas, animando a comunidade a entrar no clima da festa. Os moradores das residências terapêuticas transformaram suas casas em oficinas de balão, correntinhas, também preparando os lares em espaço para comemorar. Esse

clima de união e alegria contagiou os técnicos que também prepararam os serviços e, durante esse tempo, se colocou em suspenso toda a angústia e ansiedade do que seria viver em distanciamento social e o clima constante de luto que tomou conta dos nossos dias. Na pandemia, vivemos um breve momento de alegria com o colorido dos balões e das bandeirinhas da festa junina, pois apesar de estarmos distantes, estávamos unidos num mesmo propósito. As cestas básicas entregues no mês de junho levavam itens para que as famílias pudessem fazer também comidas típicas dessa época. As crianças e familiares puderam se divertir com festas próprias dentro de casa.

Todo o processo de organização da festa foi registrado pelos conviventes, pelos técnicos e pelos familiares e pudemos fazer um vídeo que circulou em nossas redes sociais animando e contagiando outras pessoas a participar do encontro online. Poder contagiar de alegria em um momento onde as pessoas tinham medo do contágio e da morte, fez com que percebêssemos a importância do convívio como um promotor de saúde (Gal).

As relações de afetos que se produzem no encontro presencial foram percebidas também nessa forma de encontro que se instaurou no isolamento social: a forma virtual. Para Espinosa (1997), o esforço para preservar a existência humana ocorre pelo movimento do encontro do corpo e das ideias da alma. Esse esforço é denominado pelo autor como *conatus*, definindo assim a essência humana pelo desejo. “O desejo é a tendência interna do *conatus* a fazer algo que conserve ou aumente sua força” (ESPINOSA, 1997, p. 17).

Nesse momento de muitos encontros tristes, em que os corpos se tornaram passivos diante do isolamento social e das notícias de morte, foi significativo poder produzir potência de vida promovendo encontros positivos entre as ideias da alma. Deste modo, aquele corpo antes passivo foi capaz de encontrar novamente forças para a atividade. As ideias da alma seriam aqui a possibilidade, mesmo distante, de vivenciar uma festa, uma coletividade, um encontro para se divertir e comemorar, celebrar a vida, a existência. “Assim embora seja impossível que não sejamos passivos, é possível vencer as paixões negativas pelas positivas modificando a direção do desejo rumo a objetos que destruam a oscilação do *conatus* e aumentem sua força” (ESPINOSA, 1997, p. 18).

Sabemos que o conceito virtual não se opõe ao real e sim ao atual. Podemos afirmar que naquele momento presente, o que havia de atualidade era potência triste provocada inclusive pelo distanciamento e pelo isolamento forçado. A virtualidade proporcionou aos integrantes do projeto uma ressignificação do espaço da convivência.

Deleuze e Parnet (1998) afirmam que o atual se envolve de várias virtualidades e essas partículas efêmeras de virtualidade provocam lembranças. “Pois, como mostrava Bergson, a lembrança não é uma imagem atual que se formaria depois do objeto percebido, mas a imagem virtual que coexiste com a percepção atual do objeto” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 177).

Estar nos encontros virtuais produzia a relação atual e virtual como um circuito. E o tempo presente passa a ser marcado por esses encontros, as oficinas de músicas, de teatro, toda a organização da festa, as reuniões, as articulações e todo o trabalho do centro de convivência. “As imagens virtuais não são mais separáveis do objeto atual que estes daquelas. As imagens virtuais reagem portanto sobre o atual” (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 174). Entendemos que os encontros virtuais passaram a ser os encontros atuais possíveis e que as memórias dos encontros presenciais contribuíram dando força e promovendo desejo de nos unir em um propósito, transformando afetos tristes em afetos alegres e potencializando a vida no território.

4.2. NARRATIVA 2 - Oficina de teatro em meio a pandemia

No início foi assustador, como vou dar aula de teatro online? Teatro é contato, teatro é toque, teatro é olho no olho, teatro é presencial, teatro é coletivo. Essas perguntas me rodearam no início da pandemia, mas graças a união da equipe, a coordenadora me auxiliou na construção das aulas, e eu tive que me reinventar, me adaptar a essa nova situação. Porém, de uma turma de 20 alunos, só uns 8 participavam, devido a várias dificuldades de acesso, questões como: internet, a turma infantil precisava ter algum responsável para auxiliar, a escola com atividades online com horários concorrentes e muitos não se adaptaram a essa nova metodologia.

Na turma infantil construí uma oficina de contação de história com personagens reciclados. Então ensinei como fazer os personagens e depois eles usaram os mesmos para contar a história, que foi a Cigarra e a Formiga. Tivemos a ideia de fazer uma novelinha do Instagram, 40 INFINITA (Quarentena Infinita), na qual trouxemos temas do cotidiano nesse momento pandêmico. Então construímos o texto coletivamente e eles gravaram com a ajuda dos responsáveis e me mandavam para eu editar. Foi maravilhoso o resultado, pois a família participou. Fizemos também a encenação do Casamento na Roça. Mande para cada um o texto, e eles gravaram caracterizados e eu juntei tudo na edição. Ficou muito criativo e divertido. Trabalhamos poemas do autor Wiil Tom do livro “Poemas para crianças”, no qual eles recitaram lindamente. Fizemos também A HORA DO CONTO, onde eles fizeram uma leitura dramatizada dos contos: A lebre e a tartaruga, O vento e o sol, Festa no Céu e o Leão e o Ratinho. Além disso, nos nossos encontros, trabalhei alguns trava-línguas, expressões faciais e a leitura.

Já com a turma adulta, muitos não conseguiram se adaptar, com as mesmas dificuldades citadas acima. Mas nos nossos encontros fizemos seminários sobre teatro grego, teatro elisabetano, teatro medieval, teatro brasileiro e grandes dramaturgos mundiais. Fizemos leitura de texto, e sempre após, fazíamos um debate sobre o tema. Nos nossos encontros trabalhei também: trava-línguas, expressões faciais e a leitura, improviso, memória, relaxamento. No meio disso tudo, essas aulas me fortaleceram, me fizeram me reinventar como profissional de arte (Caetano).

No trecho do relato acima “Teatro é contato, teatro é toque, teatro é olho no olho, teatro é presencial, teatro é coletivo”, destaca-se o fato de que fazer teatro é trabalhar diretamente com o corpo, com a produção de afetos e afetações. Assim, retomamos Spinoza (2011) no que se trata da

virtude do corpo de poder ser afetado e afetar de múltiplas e diferentes formas. O corpo se define tanto pelas relações internas quanto pelas relações externas com outros corpos, tendo sua potência aumentada ou diminuída por eles nos encontros.

A potência do corpo enfatizada por Espinosa (1997) é observada no teatro, no qual o corpo ultrapassa o fisiológico e o temporal, ele modifica e é modificado pelo ambiente e pelas relações com outros corpos. Segundo o relato acima, as oficinas de teatro tiveram sua estrutura modificada devido a pandemia, de modo que as aulas passaram a ser no ambiente virtual. Não houve, portanto, uma simples transposição da atividade para o novo espaço, mas toda uma nova configuração das aulas, atravessadas pelo virtual e pelas condições que esse meio impõe. Nesse novo formato, os corpos não entram em contato físico, não estão no mesmo local, mas continuam sendo afetados e afetando uns aos outros.

A fala do trabalhador “No meio disso tudo, essas aulas me fortaleceram, me fizeram me reinventar como profissional de arte”, destaca como essa nova forma de encontro, de compartilhamento e convivência se constitui como produção de saúde para o trabalhador. Retomando a perspectiva de saúde de Canguilhem (2007), que a entende não como ausência de doença, mas como a capacidade de se reinventar em novas condições, de se adaptar a novas normas de vida, ressaltamos que mesmo com as dificuldades iniciais, o trabalhador, sadio, pode criar um novo formato de dar aulas de teatro, possibilitando a convivência dos participantes, favorecendo que os bons encontros continuassem a ocorrer, aumentando assim a alegria e a potência de todas e todos.

Ressaltamos, portanto, que as oficinas de teatro, assim como outras atividades do Centro de Convivência Virtual, se constituem enquanto trabalho afetivo antimanicomial por atuarem na produção de afetos, de saúde e de interatividade. As oficinas de teatro vão contra a lógica manicomial, ao passo que através da arte permitem o encontro de diferentes corpos, respeitando suas singularidades e possibilitando a ampliação das formas de afetar e ser afetado. Dessa forma, há a produção de saúde dos conviventes, de maneira coletiva, não de forma individualizante, estimulando a construção de saberes em conjunto.

5. DESFECHOS QUE ABREM NOVOS CAMINHOS

A pandemia da Covid-19 trouxe outras pandemias dentro dela, uma pandemia de problemas de saúde mental agenciadas pelo afeto do medo, por angústias em relação ao futuro, pelo luto das mais de 200 mil pessoas mortas em decorrência do Coronavírus, uma pandemia de violência doméstica e tantos outros problemas que já existiam e foram agravados, entre outros fatores, pelo imperativo “fique em casa”. A grande questão colocada pela recomendação de distanciamento social

é a questão da convivência, em que o contato com o outro se torna uma ameaça virótica potencial: como conviver assim?

No Centro de Convivência Virtual, ainda nos sentimos no início de um novo caminho a ser trilhado. Contudo, ao articularmos os conceitos apresentados com a pesquisa realizada presencialmente e as narrativas da convivência virtual, concluímos que o que importa na convivência é o COMO estamos presentes no encontro. Um encontro virtual é também um encontro, que pode acionar afetos alegres ou tristes, assim como o presencial. Nas experimentações em ambiente virtual, conseguimos constituir redes, compreendendo a noção de rede como coletivo, como uma tecitura comum em que cada ponto está implicado com o trabalho afetivo antimanicomial, em produzir deslocamentos e mudanças nos modos de existência e subjetivação.

As tecnologias da informação e comunicação deixaram de ser usadas “apenas” para informar e comunicar: elas passaram a ser o palco e a praça para realizar as atividades de convivência coletiva. Elas se tornaram o território onde também acontece o trabalho afetivo antimanicomial. O horizonte de transversalizar o cuidado em saúde, de modo que este seguisse acontecendo em rede, superando as barreiras do isolamento, só foi possível ser vislumbrado graças às tecnologias da informação e comunicação. Apontamos que ainda há muito o que avançar em termos de democratização do acesso à internet e de inclusão digital no Brasil, principalmente nas populações economicamente mais vulneráveis.

Apesar de estarmos atravessando uma tragédia sanitária sem precedentes, apontamos que os encontros vividos com Centros de Convivência nos nutriram com algumas direções que podem ser usadas neste novo trabalho de convivência virtual e comunicação em rede, sintetizadas nas oito dimensões abaixo:

- 1- **Dimensão anti-capitalista.** A produtividade não determina o valor de ninguém.
- 2- **Dimensão processual.** Privilegiamos o processo, sem tirar a importância do resultado.
- 3- **Dimensão comum-coletiva.** Fazer junto, em cooperação, é mais favorável à saúde que fazer sozinho.
- 4- **Dimensão da autonomia-confiança.** Somos interdependentes e gestores do nosso próprio trabalho.
- 5- **Dimensão normativa-criativa.** Somos responsáveis por criar o que a gente quer que exista.
- 6- **Dimensão da diversidade-multiplicidade.** As diferenças são desejadas e por meio delas nos potencializamos.
- 7- **Dimensão político-afetiva.** A alegria é revolucionária.

8- Dimensão formativa. Estamos nos formando enquanto formamos outras pessoas.

Estas dimensões podem servir para dismantelar os manicômios mentais, que estão muito além dos muros dos hospitais psiquiátricos, e fortalecer redes de afeto que promovem saúde. Se com a leitura do artigo, trabalhadores (as), usuários (as), pesquisadores (as), gestores (as), familiares, estudantes, militantes da luta antimanicomial, da arte, da cultura, da comunicação, e a sociedade em geral se sentirem mobilizados a utilizar as ideias aqui apresentadas como fontes de inspiração para suas práticas e usar os conceitos como ferramentas para operarem em seus variados campos de atuação, este artigo terá atingido seu propósito: provocar reflexão no que toca à política da convivência e seus movimentos instituintes.

Como sementes de novos problemas, indicamos aqui a necessidade de futuras pesquisas em um contexto pós-pandemia onde se enfoque os efeitos da ausência/redução de contatos presenciais nos regimes de afetabilidade vividos no período pandêmico. Com a convivência virtual, o que pudemos oferecer foi um pouco de possível para necessários e vitais respiros em tempos sufocantes.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. P. E. **Convivência como atividade de produção do comum:** Cartografias com Centros de Convivência. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: <https://centrodeconvivenciavirtual.com.br/wp-content/uploads/2020/10/Tese-CONVIV%C3%80NCIA-Paty-com-ficha-catalogr%C3%A1fica.pdf>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

BASAGLIA, F. O circuito do controle: do manicômio à descentralização psiquiátrica. Comunicação ao III Encontro da Rede Internacional de Alternativa à Psiquiatria, Trieste, 1977. In: AMARANTE, P. (Org.). **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, p. 2, 9 de abril de 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 3.088, de 23 de dezembro de 2011. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 251, p. 59, 30 de dezembro de 2011. Seção 1, pt.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CASTIEL, L. D. Promoção de saúde e sensibilidade epistemológica da categoria comunidade. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 38, n. 5, p. 615-622, 2004. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102004000500001. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Y. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, C. O Atual e o virtual. In: _____. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998. p. 174-177.

ESPINOSA, B. **Os Pensadores** – Espinosa. São Paulo, Editora Nova Cultura, 1997.

FERIGATO, S. **Cartografia dos Centros de Convivência de Campinas**: produzindo redes de encontros. 2013. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/312023>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

GALLETTI, M. C. Qual o lugar dos Centros de Convivência na rede substitutiva? Centros de Convivência e Cooperativa, **Cadernos Temáticos**. São Paulo: CRP-SP, 2015.

HARDT, M. Trabalho afetivo. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 11, p.142-157, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cadernossujetividade/article/view/38773>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

JORNAL DA REGIÃO. Campo Grande-RJ, o maior bairro do Brasil. **Jornal da Região**, 02 de setembro de 2020. Disponível em: <https://jornaldaregiao.com/campo-grande-rj-o-maior-bairro-do-brasil>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

LANCETTI, A. **Clínica peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2008.

OSORIO DA SILVA, C. Experimentando a fotografia como ferramenta de análise do trabalho. **Informática na Educação**: teoria e prática, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 41-49, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=a3b86327-23c8-41f5-9ee8-316b1994bbb9>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

OSORIO DA SILVA, C.; RAMMINGER, T. O trabalho como operador de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 12, p. 4751-4758, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014001204751&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano do comum. v. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

PELBART, P. **Nau do Tempo Rei**: ensaios sobre o tempo da loucura. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RAUTER, C. M. Clínica transdisciplinar: afirmação da multiplicidade em Deleuze/Spinoza. **Revista Trágica**: estudos de filosofia da imanência, v. 8, n. 1, p. 45-56, 1º quadr. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/view/26802/14897>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

VENTURINI, E. **A linha curva**: o espaço e o tempo da desinstitucionalização. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2016.

Informações sobre o Artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese: ALVAREZ, A. P. E. Convivência como atividade de produção do comum: Cartografias com Centros de Convivência. 2020. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020.

Fontes de financiamento: O projeto "Centro de Convivência Virtual: promoção da saúde e redes de afeto em tempos de pandemia" foi aprovado e é financiado pelo edital do Programa Fiocruz de Fomento à Inovação - Covid-19 Encomendas Estratégicas (VPPIS, Fiocruz/RJ).

Apresentação anterior: Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: A todas as pessoas conviventes que participaram da pesquisa compartilhando seus afetos, saberes e experiências de vida.

Ariadna Patrícia Estevez Alvarez

Psicóloga, Mestre e Doutora em Psicologia pela UFF. Professora-pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio / Fiocruz. Coordenadora do projeto “Centro de Convivência Virtual: promoção de saúde e redes de afeto em tempos de pandemia.” Programa Inova / Fiocruz.

E-mail: ariadna.alvarez@fiocruz.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1067-209X>

Janáína de Barros Fernandes

Psicóloga, Especialista em Saúde Mental pelo IPUB, e em Atenção Psicossocial pela ENSP/Fiocruz. Coordenadora do Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste da Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

E-mail: janainabfernandes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2175-2266>

Maria Isabel Quiñonez de Oliveira

Estudante de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante do Grupo de Estudos Trabalho Afetivo Antimanicomial.

E-mail: m.maribel97@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8640-7818>

Isabella Cunha Alves da Silva

Estudante de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Integrante do Grupo de Estudos Trabalho Afetivo Antimanicomial.

E-mail: isabellacunhaalvesx@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9183-1755>

Rodrigo Moreira de Castro

Licenciado em Teatro, Pós-graduando em Artes Cênicas pela UNESA. Professor de Teatro Centro de Convivência e Cultura da Zona Oeste. Educador social da Secretaria de Ação Social de Mangaratiba-RJ.

E-mail: rod_decastro@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9222-4519>